

ENCONTRO SOBRE MÚSICA E INCLUSÃO DA UFRN: gênese, trajetória e discussões

Ítalo Soares da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
italo_so.silva@hotmail.com

54

RESUMO

Este trabalho busca apresentar a trajetória do Encontro sobre Música e Inclusão (EMI) da UFRN desde sua criação em 2013, até 2019. Para fins deste trabalho, utilizamos como instrumentos para coleta de dados a revisão bibliográfica dos anais do Encontro sobre Música e Inclusão (EMDV) e do EMI, bem como o registro de áudio de relatos com participantes do evento e informações contidas no site do encontro. Com isso, constatamos que o EMI vem se caracterizando como um dos mais importantes espaços de debates, formação, inovação e de luta em prol da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil.

Palavras-chave: Música e inclusão. Educação musical. Educação musical inclusiva. EMI.

INTRODUÇÃO

A temática da Inclusão tem se tornado nos últimos anos um dos grandes focos de atenção nos espaços educacionais, como também vem sendo amplamente discutida em diversas áreas de conhecimentos, dentre elas a Educação, sendo objeto de tensões, polêmicas, dúvidas e lutas.

Com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, que visa o acesso e permanência dos educandos com deficiência na escolar regular, em consonância com a Lei nº 13.146 de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, ambas trouxeram a garantia dos direitos das pessoas com deficiência objetivando incluí-las socialmente enquanto sujeitos integrantes da sociedade.

Diante dessas políticas de inclusão tornaram-se mais intensos os debates, na perspectiva de discutir acerca das condições de ensino, da inserção dos alunos com deficiência nos espaços educacionais, sobre as condições de trabalhos dos profissionais e professores para atuar com esse alunado, bem como sobre a implementação de políticas públicas que favoreçam a aprendizagem significativa do público com deficiência.

Com base nesses aspectos, além da Educação, a área de Educação Musical tem se preocupado nos últimos anos em discutir a inclusão de pessoas com deficiência, como também a Educação Especial¹ em contextos de ensino e aprendizagem da música. Diante disso, começaram a surgir espaços na busca de debater essas questões e promover diálogo entre diversos atores, dentre esses, as pessoas com deficiência, educadores, pesquisadores, setores públicos e privados.

É neste intuito que buscamos apresentar o Encontro sobre Música e Inclusão (EMI) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que se encontra na sétima edição. Por consequência, o evento vem se caracterizando como um dos espaços de discussões que mais crescem na perspectiva de debater a Música e Inclusão para pessoas com deficiência no Brasil. Portanto, buscamos inicialmente

¹ De acordo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o público-alvo da Educação Especial é composto por pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

apresentar aspectos sobre sua criação e trajetória para, em seguida, descrevermos o conteúdo das discussões presentes nas produções científicas do encontro.

GÊNESE E TRAJETÓRIA DO EMI

O Encontro sobre Música e Inclusão (EMI) é um evento realizado pelo setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN) da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), com a parceira da Comissão Permanente aos Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (CAENE/UFRN). Nele, reúnem-se estudantes, educadores, pesquisadores e profissionais de renome nacional e internacional com e sem deficiência, bem como representantes de empresas e setores públicos.

Nessa perspectiva, o EMI objetiva provocar entre seus participantes reflexões e ações que possibilitem a inclusão social das pessoas com deficiência e outras necessidades específicas em seus mais diversos contextos: educacional, artístico, comunicacional e tecnológico².

Segundo uma das fundadoras do evento, a professora Catarina Shin Lima de Souza (Professora da EMUFRN, Coordenadora do EMI e do SEMBRAIN/UFRN), a criação do encontro foi um desdobramento dos cursos de flauta doce para pessoas com Deficiência Visual (DV) e do curso de Musicografia Braille, oferecidos na EMUFRN. Daí, com o avançar dos cursos, sentiu-se a necessidade de promover um evento que trouxesse especialistas para capacitar os educadores da EMUFRN, os alunos em geral, como também a comunidade externa e profissionais da Educação Básica.

Além desses fatores, foram surgindo outras demandas na EMUFRN relacionadas a ações voltadas para as com pessoas com deficiência(s). A partir daí, manifestou-se um maior interesse de alunos(as) em participar dos projetos que envolviam música e o trabalho com o público com deficiência, como também aprofundarem seus estudos na temática, tanto em nível de graduação como também da Pós-Graduação.

² Disponível em: <<https://emiufrn.wordpress.com/>>. Acesso em: 19/04/2019.

Partindo dessas ações, foi dado início à criação do encontro. Assim, fundado no ano de 2013, o evento em suas duas primeiras edições (2013-2014) foi nomeado de Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual (EMDV) e buscou discutir e refletir questões atuais referentes ao ensino de música, especialmente para pessoas com Deficiência Visual.

A partir da sua terceira edição, no ano de 2015, o EMDV veio ocorrer juntamente com o Seminário de Música e Inclusão. Essa iniciativa surgiu diante os organizadores e participantes observarem da necessidade de ampliar as discussões, as quais estavam mais centradas ao público com deficiência visual. Com isso, o evento incluiu atividades voltadas para a Educação Musical e outros tipos de deficiência, como Deficiência Auditiva, Surdez, Autismo e entre outras, o que configurou a realização do Seminário em conjunto. Logo, esse modelo se configurou até sua quinta edição (2017), o qual trazia o EMDV em consonância com o Seminário de Música e Inclusão.

Em sua última edição já realizada, no ano de 2018, que embora ocorresse em edições anteriores a preocupação em discutir o processo de inclusão de pessoas com deficiência, indo além da Deficiência Visual, a sexta edição veio com uma nova aparência que refletiu esse aspecto em seu título: “Encontro sobre Música e Inclusão (EMI). Incorporaram-se a esse encontro todas as atividades e reflexões anteriormente abarcadas, no EMDV como também no Seminário de Música e Inclusão”. Com isso, tais mudanças visaram promover uma discussão mais integrada quanto aos desafios e nuances da inclusão de pessoas com deficiência e outras necessidades educacionais específicas na Educação Musical.

Diante desses aspectos, o encontro vem sendo realizado anualmente e a cada nova edição vem tomando grandes proporções, tanto no cenário brasileiro como também internacional. O que comprova isso são relatos³ de educadores e músicos que participaram do evento. Dentre esses, o Professor Dr. Augusto Deodato Guerreiro (Universidade Lusófona-Portugal) que relatou sobre o “trabalho impar de caráter humanístico, científico e tecnológico” que o encontro vem a desenvolver na EMUFRN na área de Inclusão e Música. Além disso, o mesmo

³ Utilizamos gravações de áudio como instrumentos para coleta dos relatos, os quais foram enviados via internet pelos participantes.

afirmou que “a UFRN tem constituído inquestionáveis êxitos promissores de inclusão no Brasil e com repercussão internacional”.

Além desse educador, também temos o relato da Professora Dr. Dolores Tomé (Brasileira e Pós-Doutoranda da Universidade Lusófona-Portugal) que conhecendo o SEMBRAIN e participando dos encontros, enfatizou sobre do reconhecimento nacional e internacional do EMI por envolver “interação tecnocientífica entre as áreas da Educomunicação, Informática, Ciências Sociais, Diversidade cultural, e a Inclusão Social com particular incidência em Tiflogia”⁴.

Também temos o relato do pianista cego Jorge Gonçalves (Portugal). O mesmo afirmou que os encontros são “especiais e muito importantes, pois abre portas para a comunidade”. Além disso, enfatizou a importância do trabalho que tem sido desenvolvido no setor de transcrições de partituras no SEMBRAIN, por ser algo que ele diria raro em âmbito mundial, bem como a relevância do evento para as pessoas que se dedicam à Música e Inclusão.

Também mencionamos o Professor Luiz Alberto Amorim de Freitas (Professor do Instituto de Cegos do Paraná) que relatou o evento se destacar devido às discussões que contemplam “diversos segmentos e o fato que dissemina, compartilha, produz conhecimento, saberes, práticas intra e extra musicais que contribuem para uma Educação Inclusiva de forma geral, e em particular, uma Educação Musical Inclusiva”.

Portanto, percebemos que o EMI não representa apenas uma ação isolada desenvolvida na EMUFRN, mas todas as ações e projetos criados que envolvem a temática de Música e Inclusão. Como fruto desse evento, podemos destacar em particular a inserção de componentes curriculares (Musicografia Braille I e II) no curso de graduação em Música da UFRN, como também a criação do próprio SEMBRAIN que surgiu durante esse processo.

Atualmente, em sua sétima edição, a ser realizada no ano de 2019, o encontro se propõe a discutir o tema “Políticas públicas e pessoas com deficiência: práticas inclusivas e perspectivas de ação”. Diante essa trajetória, o evento vem demonstrando avançar cada vez mais suas discussões e progredindo na promoção da inclusão de pessoas com deficiência em seus múltiplos contextos e espaços.

⁴ Campo de conhecimento que estuda questões relativas à instrução e educação dos cegos.

O QUE DIZEM OS ANAIS DO EMI

Com base na sua trajetória, o Encontro sobre Música e Inclusão vem sendo realizado desde o ano de 2013 na Escola de Música da UFRN. Suas primeiras edições tinham como foco em questões referentes ao público com deficiência visual, o que justifica até o ano de 2017 vir sendo chamado de Encontro sobre ensino de música para pessoas com deficiência visual (EMDV).

Em sua sétima edição, o encontro reúne anualmente pesquisadores, acadêmicos e profissionais das áreas de Educação Musical, Educação Especial, Educação Inclusiva e da Tecnologia Assistiva. Além das diversas palestras, minicursos, mesas-redondas, apresentações musicais, o hoje chamado de Encontro sobre Música e Inclusão (EMI) vem contribuindo cada vez mais com a produção científica por meio de trabalhos tanto no formato de comunicação oral, como no modelo de pôster científico.

Em comum, o foco dos trabalhos apresentados e do encontro em geral, é de debater a música e inclusão na perspectiva de buscar avanços para o ensino de música nesse contexto. Além disso, o EMI também tem se preocupado em apontar melhorias para promoção de políticas públicas voltadas para pessoas com deficiência, como também contribuir com a produção do conhecimento no que diz respeito à Educação Musical Inclusiva.

Diante esse contexto, buscamos realizar uma breve análise dos anais do EMDV e EMI na busca de compreender o que vem sendo discutido durante os sete anos de encontro, como também traçar suas principais características. Para esses fins, analisamos os anais do encontro entre período que compreende os anos de 2013 a 2017, buscando nos títulos, palavras-chave, resumo, introdução e considerações finais, aspectos relacionados às particularidades dos trabalhos.

Diante análise dos anais do encontro, foi possível identificar 42 trabalhos, sendo 16 na modalidade de pôster científico e 26 na modalidade de comunicação oral, entre os anos de 2013 a 2017. Durante esses anos, diversas temáticas foram abordadas no encontro, com isso, buscamos aqui apresentar especificamente o que vem sendo discutido durante todo esse período.

Em seu primeiro ano, o evento foi caracterizado por ser o I Encontro sobre Ensino de Música para pessoas com Deficiência Visual, sendo realizado no ano de 2013 o qual abordou como tema central a “Educação Musical para pessoas com Deficiência Visual: desafios e possibilidades”. A chamada para trabalhos a serem apresentados, foi apenas na modalidade de pôster científico. Assim, fizeram parte do corpo do evento 6 trabalhos nessa modalidade.

Dentre os pôsteres apresentados nesse ano, temos o trabalho de Trindade (2013) que buscou apresentar brevemente a ementa do componente curricular Sistema e Musicografia Braille do Curso de Licenciatura em Música da Faculdade Evangélica de Salvador (FACESA), descrevendo o foco característico que compõe a ementa do componente.

Já Lima (2013) em seu trabalho intitulado “Educação Musical na Associação de Cegos do Estado do Ceará”, buscou apresentar no formato de relato de experiência como são desenvolvidas as atividades em educação musical na Associação de Cegos do Estado do Ceará, trazendo um diálogo teórico e prático, compartilhando suas experiências, e traçando um comparativo com outras práticas semelhantes.

No pôster científico apresentado por Varela (2013), o autor mostrou, com base em uma investigação, a forma como os cursos de extensão (com foco no ensino de música para pessoas com Deficiência Visual) oferecidos pela Escola de Música da UFRN têm contribuído para a formação de discentes e egressos do Curso de Licenciatura em Música para atuação na Educação Especial. Já Bezerra (2013) apontou a relevância das iniciativas de inclusão realizadas na EMUFRN, para o ingresso de alunos com Deficiência Visual no Ensino Superior.

Por outro lado, Silva (2013) apresentou as ações do núcleo de Musicografia Braille da Universidade Federal do Ceará (UFC) para a proporção de um espaço acadêmico acessível à pessoa com deficiência. Assim, o autor afirma que essas ações favorecem a permanência e manutenção do aluno, a partir de um suporte didático/pedagógico.

Por fim, Queiroz (2013) buscou traçar um relato de experiência vivenciado na primeira turma do componente curricular “Musicografia Braille I” ofertada pelo Curso de Licenciatura em música da UFRN. Desse modo, o autor ressalta que embora esse conteúdo não seja estipulado como obrigatório na legislação nacional, o curso

supracitado buscou ofertá-la devido observar a importância da mesma para a formação docente em música.

No ano seguinte, em 2014, ocorreu o II Encontro sobre Ensino de Música para pessoas com Deficiência Visual abordando o tema “Música e Deficiência Visual: Conquistas e novas perspectivas”. Nele, foram apresentados 7 trabalhos na modalidade de pôster científico. Dentre os trabalhos, temos Ribeiro (2014) que analisa o processo de ensino e aprendizagem da musicografia braille através da utilização do *software* Musibaille junto a uma turma de alunos deficientes visuais no Instituto dos Cegos da Paraíba (ICPAC).

Logo depois, Trindade (2014) busca novamente apresentar trabalho semelhante ao que expôs no encontro realizado em ano anterior. Contudo, nesta edição a autora foca em apresentar o componente curricular “Introdução a Musicografia Braille” no processo de ensino e de extensão nos Cursos de Licenciatura em Música da Universidade Evangélica de Salvador (FACESA) e da Faculdade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

No mesmo ano, Trindade e Konopleva (2014) apresentaram por meio de pôster científico, possibilidades de realização do ensino de piano para pessoas cegas ou aquelas com Deficiência Visual, e também como ocorre o processo de inclusão com pessoas videntes.

Já no trabalho “O ensino e aprendizagem da música para Deficientes Visuais na Escola Especial de Música Juarez Johnson”, Ribeiro (2014) buscou compreender como são abordados os conteúdos musicais junto aos alunos com deficiência Visual na escola citada. Diante disso, com o estudo constatou-se a necessidade da área de Educação Musical ampliar as discussões sobre a pedagogia musical e utilização dos materiais didáticos pelos professores para aplicação a esse tipo de alunado.

Em seguida, Rocha (2014) em seu trabalho apresenta um relato de experiência acerca da aprendizagem da notação musical em Braille no componente curricular “Musicografia Braille I”, oferecido pelo Curso de Licenciatura em Música da UFRN e com isso aponta a importância da mesma para a formação do professor de música.

Com base na formação de professores em música, Júnior (2014) apresenta um relato do I Curso de Capacitação em Educação Musical Inclusiva para professores da Casa Talento, escola essa que desenvolve o ensino especializado

em música na cidade do Natal/RN. Como foco, o autor aborda questões sobre a sistematização do Curso na perspectiva da abordagem do ensino da Musicografia Braille para pessoas com Deficiência Visual.

Por outro lado, Silva, Santos e Rocha (2014), buscaram promover ao educador musical uma reflexão sobre sua atuação no ensino de música para pessoas com Deficiência Visual. Assim, os autores sugerem o uso de novos recursos tecnológicos que possam auxiliar esse alunado, além de promover a inclusão e integração desses educandos em sala de aula.

Em sua terceira edição, o EMDV teve como tema “Saberes e práticas em música, deficiência e inclusão”. A programação deste ano (2015) incluiu atividades voltadas para a educação musical e outros tipos de deficiência, dentre elas: deficiência auditiva e autismo. Devido a essa ampliação, o encontro veio a agregar juntamente com o I Seminário de Música e Inclusão. Com esse diferencial, o EMDV possibilitou aos seus participantes a apresentação de trabalhos na modalidade de comunicação oral, extinguindo os trabalhos em pôster científico.

Neste ano de 2015, foram apresentados 7 no formato de comunicações orais. Dentre as temáticas temos o trabalho de Souza (2015) intitulado “A inclusão de deficientes visuais na formação de educadores musicais: práticas em regência coral no ensino superior”. Neste estudo, autor identificou os procedimentos pedagógicos da técnica de regência coral utilizados pela docente com um graduando com baixa visão. Com isso, a experiência relatada pode demonstrar que um estudante de música com baixa visão pode exercer a função de regente coral.

Também mencionamos o artigo de Santos e Oliveira (2015) que buscou relatar e discutir a prática de iniciação à docência em uma escola pública federal, o qual envolveu um aluno com deficiência visual. Diante isso, o estudo mostra que a formação docente é uma prática contínua que necessita de discussões dentro e fora da universidade, além do mais, esses pontos são fundamentais para que se possa formar um educador musical inclusivo.

Silva (2015) apresenta dinâmicas realizadas nas aulas de música em uma escola de Educação Básica na cidade de Parnamirim/RN, incluindo alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Com isso, o autor aponta que suas atividades foram significativas no que diz respeito à inclusão escolar, interação, respeito, desenvolvimento cognitivo, afetivo entre outros.

No artigo “Música e inclusão: o ensino de Musicografia Braille para alunos com deficiência visual”, Santos (2015) relata sobre o ensino de música na inclusão de pessoas com Deficiência Visual através do projeto de extensão da EMUFRN denominado “Grupo Esperança Viva”. Desta forma, a autora apresenta questões acerca do ensino de Musicografia Braille e suas problemáticas, enfatizando a capacitação e interesse de alunos e professores na área da música e inclusão.

Ainda no que se refere à Musicografia Braille, Batista e Santos (2015) investigaram as percepções dos docentes e discentes do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em relação à operacionalização da “Musicografia Braille” durante o processo de ensino e aprendizagem desse conteúdo.

Outra experiência relatada no encontro veio dos autores Pereira, Souza e Carmona (2015) que descreveram a prática inclusiva de um aluno diagnosticado com esquizofrenia no Curso de Regência Coral do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). O trabalho mostrou as implicações na ruptura de preconceitos diante a inserção do aluno mencionado, bem como as percepções dos outros alunos e funcionários no que se refere ao comportamento diferenciado do aluno em foco, como também o efetivo processo de inclusão do mesmo no Curso.

Por fim, nessa edição os autores Souza, Almeida e Molinari (2015) buscaram relatar as observações sobre o processo de aprendizagem de crianças com NEE na perspectiva de uma participante observadora do processo de inclusão. Diante isso, os autores ressaltam da importância do processo da conscientização sobre a sua prática para atuação como educadores.

No ano seguinte, em 2016, ocorreu o IV Encontro sobre Ensino de Música para pessoas com Deficiência Visual, juntamente com o II Seminário de música e inclusão. O tema central do evento permeou sobre “Práticas de ensino-aprendizagem musical”. Durante o evento foram apresentados 9 trabalhos na categoria de comunicação oral que abordaram a temática por diferentes focos.

No trabalho de Silva (2016) a autora apresenta uma proposta de intervenção socioescolar realizada em ambiente real de atuação do professor tratando assim sobre a chegada do aluno deficiente na escola. Diante os fatos apresentados,

constatou-se que num ambiente escolar adequado as crianças desenvolvem as potencialidades, promovendo assim a aprendizagem.

No texto “Ensino de Música para pessoas com deficiência visual: caminhos de inclusão”, Cruz e Zanetti (2016) abordam o processo de ensino/aprendizagem musical da pessoa com Deficiência Visual no contexto da escola especializada. Nele, são apresentadas as práticas educacionais realizadas em sala de aula, as peculiaridades desses estudantes, os recursos utilizados para a aprendizagem, como também as características próprias dos seus comportamentos frente aos estudos.

Adiante, encontramos Vieira (2016) que investiga a influência da música no processo de alfabetização de uma criança diagnosticada com Síndrome de Silver-Russel. Como resultado do estudo, foi possível observar uma melhoria significativa na leitura desse aluno, após a utilização da música durante o processo. Por outro lado, o autor não descarta a necessidade de uma equipe multiprofissional para realizar o tratamento de pacientes de síndrome de Silver-Russel devido à complexidade da deficiência.

Outra discussão presente nos anais do evento, diz respeito aos materiais de estudo para o ensino da Musicografia Braille. Com base nisso, Fonseca (2016) buscou expor e discutir acerca da produção de materiais adaptados confeccionados no Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN) da UFRN. Desse modo, diante esses materiais, os envolvidos buscaram explorar possibilidades de ferramentas didáticas que abrangessem o ensino através de áudios, juntamente com material de estudo tátil em alto relevo e em tamanho ampliado contendo assuntos da musicografia Braille.

Já Júnior (2016) em seu trabalho: “A monitoria de assistência ao estudante com Deficiência Visual no curso de Licenciatura em Música: um relato de experiência sobre a utilização da Musicografia Braille” expõe suas experiências vivenciadas no processo de monitoria de suporte técnico voltado a um aluno com deficiência visual no Curso de Licenciatura em Música da UFRN.

Por outro lado, Silva (2016) apresenta aspectos referentes ao ensino de música para pessoas com deficiência visual, assim como experiências e ferramentas para a inclusão e permanência do aluno cego no ensino superior. Especificamente o autor busca conhecer as ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores

durante o período de 2016, quanto à inclusão de um aluno cego no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará.

No texto “Práticas inclusivas na Educação Escolar: uma reflexão”, Correia (2016) vem abordar a temática de Educação Inclusiva no contexto da Educação Básica, especificamente no ensino fundamental. Com isso, a autora reflete sobre as possibilidades educativas musicais que podem ser compartilhadas em classes, na perspectiva de oportunizar momentos inclusivos nos planejamentos e suas aplicações em aulas.

No que se refere ao uso de Tecnologia Assistiva (TA), Gomes (2016) mostra algumas possibilidades e relações entre Música, *Softwares*, Tecnologia Assistiva, Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e processo de ensino/aprendizagem. Aqui, o autor busca incentivar o uso de instrumentos musicais eletrônicos e *softwares* para computadores, com o intuito de despertar nos professores uma nova forma de aprender e ensinar utilizando as tecnologias digitais ao seu favor.

Por fim, porém não menos importante, Araújo (2016), professor de música com Deficiência Visual, apresenta um importante relato que avalia o processo e as consequências do Projeto Tutoria Inclusiva, oferecido pela Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais da CAENE/UFRN. O trabalho trata-se de um estudo de caso da tutoria realizada por uma graduanda em engenharia civil e seu tutorado, Licenciado em Música e autor do referido texto.

Adiante, no ano de 2017, ocorreu o V EMDV e o II Seminário de Música e Inclusão. O Encontro abriu espaço para apresentação de trabalhos tanto na modalidade pôster como comunicação oral. Dentre esses, o evento totalizou 5 trabalhos, sendo 4 deles comunicação oral e 1 pôster científico. Por outro lado, o evento não estipulou temática fixa a ser debatida. Deste modo, essa edição incluiu atividades reflexivas e práticas em torno da Educação Musical Especial e Inclusiva.

Dessa forma, entre os trabalhos apresentados na modalidade de comunicação oral, tivemos “Alfabetização Musical de Jovens e Adultos Cegos – Projeto Esperança Viva”, onde Zanetti (2017) buscou propor maior atenção quanto à alfabetização musical do aluno cego, além de repensar a preparação até a fase de iniciação à Musicografia Braille.

Em contrapartida, Freitas (2017) visa propor o ensino de violino para pessoas com deficiência visual, partindo do ensino da empunhadura e da condução do arco. Diante disso, o autor aponta possíveis caminhos para pesquisas avançadas sobre o ensino de violino para pessoas com Deficiência Visual, afirmando que tal temática é até então inexplorada no Brasil.

Em “Música para todos: o protagonismo musical da família de pessoas com autismo”, Araújo (2017) relata uma experiência realizada com famílias de pessoas com autismo, integrantes da Associação de Pais e Amigos dos Autistas do Rio Grande do Norte (APAARN), o qual buscou proporcionar vivências para descrever o processo de ensino e aprendizagem musical em contextos diversos.

Já Zuza e Fernandes (2017) buscaram descrever o processo de criação e da composição de um grupo chamado Coral “Vozes do Coração”. Para isso, os autores abordaram desde o papel do regente, como também sua forma de reger um coro composto por pessoas com deficiência visual, desde o processo de seleção das músicas para o repertório até as mudanças devidamente implementadas.

Na modalidade de pôster tivemos o trabalho de Silva (2017), que tratava de um relato de pesquisa em andamento. No texto, a autora buscou compreender o processo de interação entre professor-professor no projeto de extensão Som Azul da EMUFRN, grupo esse voltado para o ensino de música para adolescentes e adultos com autismo.

Em sua última edição já realizada, o encontro se apresenta com uma nova aparência. Embora as edições anteriores estivessem com preocupação centrada nas discussões em torno do processo de inclusão de pessoas com deficiência, para além da Deficiência Visual, a sua sexta edição, que ocorreu em 2018, reflete esse aspecto em seu título: Encontro sobre Música e Inclusão (EMI). Nele o tema central abordado foi “Música, Deficiência e Mercado de trabalho”.

No que se refere aos trabalhos apresentados, tivemos o total de 8, sendo 6 deles comunicações orais e 2 pôsteres. Na comunicação de Queiroz e Bezerra (2018) os autores apresentaram os desafios enfrentados pelos alunos com Deficiência Visual no Projeto Esperança Viva, vinculado a EMUFRN. Como resultado disso, percebeu-se que embora houvesse desafios a serem superados, os alunos se sentiam motivados e amparados pelos professores do projeto na busca de enfrentar as barreiras.

Em “Do Instituto de Cegos ao ingresso no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande: um estudo de caso”, Rodrigues, Souza e Albuquerque (2018) buscaram entender de que forma as contribuições da professora de música do Instituto influenciaram na formação musical de um aluno cego. Assim, constatou-se que as adaptações das atividades musicais realizadas pela docente, durante o processo de musicalização do aluno supracitado, foram fundamentais para a apropriação da linguagem musical do mesmo.

Outra temática discutida diz respeito a adaptações de materiais para a inclusão do aluno de violão com Deficiência Visual. Nesse trabalho, Moura (2018) discute a inclusão de pessoas com Deficiência Visual num entorno heterogêneo com o auxílio das Tecnologias Assistivas. Com isso, aborda sobre a adaptação de materiais didáticos para o processo de ensino e aprendizagem do aluno de violão com tal deficiência.

No texto “Educador musical deficiente visual total em uma Escola Estadual na Zona Norte de Natal/RN”, Araújo (2018) autor e o referido professor com Deficiência Visual desse trabalho, busca apresentar algumas dificuldades encontradas no preparo e utilização de materiais didáticos, como também aborda sobre a escassez e condições dos recursos didáticos oferecidos pela escola em que atua. Além disso, o educador relata sobre a sua chegada à escola, a reação da equipe de profissionais e as dificuldades encontradas nesse espaço.

Fonseca (2018) em artigo apresentado buscou expor um projeto de pesquisa que tem o intuito de promover o diálogo entre discentes com deficiência visual da graduação em música da UFRN e os docentes que tem desenvolvido atividades com estes alunos, visando assim a inclusão dos mesmos. Assim, o autor considera que para ocorrer inclusão é necessário escutar o aluno, conhecer as dificuldades e desafios que os alunos com Deficiência Visual tem enfrentado em sua formação e posteriormente buscar conscientização e troca de experiências e metodologias pelos docentes que atuam nesse contexto.

Em comunicação oral, Novo, Souza e Mendes (2018) buscaram apresentar o Projeto Musicografia Braille do Instituto Federal da Paraíba (IFPB-Campus João Pessoa), mais precisamente no Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical. Para isso, os autores expõem as características e ações do projeto que tem o intuito

de difundir a Musicografia Braille e a capacitação de pessoas para trabalhar com essa ferramenta.

Na sessão de pôster científico, o trabalho de Alves e Alves (2018) mostra como vem ocorrendo o processo de inclusão dos alunos em uma escola da cidade do Natal/RN. Com isso, traz à tona a implantação da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) e como a chegada do professor de Arte, licenciado em música e com Deficiência Visual, vem reforçando a inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar.

E por fim, temos Matias e Souza (2018) que buscam por meio de um relato de experiência desmistificar a ideia de que o surdo não pode inserir-se no mundo da música.

Diante essa breve exposição, podemos destacar que as temáticas discutidas no EMDV e EMI vêm ajudando a fortalecer a produção de conhecimento voltada para o contexto da Música, Educação Especial e Inclusão. Dentre as temáticas mais abordadas no encontro, podemos destacar a grande contribuição do evento no debate voltado para as pessoas com Deficiência Visual. Por meio da análise dos anais, destacamos também a Musicografia Braille como sendo um assunto bastante discutido e de fundamental importância para a formação do professor de música inclusivo.

Além desses aspectos, destacamos em maior escala a grande contribuição dos alunos na construção desses trabalhos, pois grande parte dos textos é oriunda de relatos de discentes, dentre eles da UFRN. Mencionamos também a grande colaboração para compor esses trabalhos do público com deficiência, como também de educadores no geral, em especial os professores de música.

Em síntese, ressaltamos que os anais dos encontros apresentam um avanço nas discussões que envolvem a Música e Inclusão, pois passam de um patamar que anteriormente estava centrado em discutir a importância da música para pessoas com deficiência, para apontar estratégias e as necessidades para lidar com inclusão de pessoas com deficiência.

CONSIDERAÇÕES

O EMI vem se caracterizando como um dos mais importantes espaços não só de debates, mas de formação, inovação e também de luta em prol da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. Neste sentido, embora seja um encontro recentemente criado, vem contribuindo significativamente na promoção de conhecimento voltado para área da Educação Musical Especial e Inclusiva. Além disso, não podemos deixar de destacar a grande e fundamental contribuição da Professora Catarina Shin Lima de Souza e de toda sua equipe, pois diante seus esforços, buscaram a criação, consolidação e fortalecimento desse evento.

Contudo, é visível que ainda são necessárias melhorias para que o encontro tome maiores proporções, assumindo assim um patamar de excelência. Porém, para isso é fundamental um maior engajamento e apoio dos setores públicos, privados e da universidade em geral, além do reconhecimento da contribuição do encontro para a produção técnico-científica e de fomento à cultura inclusiva na UFRN e afora.

Por fim, esperamos ter apresentado alguns dos traços mais relevantes da caminhada desse encontro, e por meio disso, buscar contribuir com a inclusão social de pessoas com deficiência e outras necessidades específicas. Assim, para além das limitações desse trabalho, expondo-nos diante o desafio de retomar e apresentar o evento, estão presentes os limites de nosso fôlego e olhar, em parte moldados na intensa trajetória do encontro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Karina Messias da Silva; ALVES, Adriano Eduardo Livio. Educação Inclusiva: práticas e desafios entre os segmentos escolares na Escola Estadual Myriam Coeli. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 69-71.

ARAÚJO, Gessé José de; CÂMARA, Hanna Camila de Barros. Tutoria Inclusiva: um estudo de caso. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.99-107.

ARAÚJO, Gessé José de. Educador musical deficiente visual total em uma Escola Estadual na Zona Norte de Natal/RN: relato de experiência docente. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 35-46.

ARAÚJO, Liana Monteiro de. Música para todos: o protagonismo musical da família de pessoas com autismo. In: V Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e III Seminário de Música e Inclusão, 5. 2017, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2017. p.26-37.

BATISTA, João Brito; SANTOS, Micael Carvalho dos. Operação da Musicografia Braille: as percepções dos docentes e dos discentes do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p. 50-61.

BEZERRA, Edibergon Varela. Inclusão do aluno com Deficiência Visual no Ensino Superior: iniciativas da EMUFRN. . In: I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 1. 2013, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2013. p. 16-18.

CORREIA, Raquel Mara Lopes. Práticas inclusivas na educação escolar: uma reflexão. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.71-90.

CRUZ, Alfredo Moises da; ZANETTI, Evandra de Medeiros. Ensino de música para pessoas com Deficiência Visual: caminhos de inclusão. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.14-21.

FONSECA, Maurício Eslabão da. Entendendo concepções e promovendo diálogos: a inclusão de pessoas com deficiência visual na Escola de Música da UFRN. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 47-60.

_____. Materiais de estudos para o ensino da Musicografia Braille: transformando dificuldades em ideias. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.44-53.

FREITAS, Luiz Alberto Amorim de. O ensino de violino para pessoas com Deficiência Visual: relatos e propostas para o ensino da empunhadura e da condução do arco. . In: V Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e III Seminário de Música e Inclusão, 5. 2017, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2017. p.13-25.

GOMES, Júlio César Ferreira. Professor Piano: uso alternativo de softwares e sua relação com Tecnologia Assitiva e Tecnologias da Informação e Comunicação. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.91-98.

JÚNIOR, Moisés Carneiro Ferreira. A monitoria de assistência ao aluno com Deficiência Visual no Curso de Licenciatura em Música: um relato de experiência sobre a utilização da Grafia e Musicografia Braille. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.54-61.

JÚNIOR, Múcio Magno de Albuquerque Rosendo. I Curso de capacitação em Educação Musical Inclusiva para professores da Casa talento: Deficiência Visual/Musicografia Braille. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p.21-23.

LIMA, Gabriel Freire. Educação Musical na Associação de Cegos do Estado do Ceará. In: I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 1. 2013, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2013. p. 10- 12.

MATIAS, Thaise Cristina Marcelino; PEREIRA, David Barbalho; SOUZA, Catarina Shin Lima de; FÉLIX, Raquel Carmona Torres. Prática Inclusiva e suas implicações na ruptura de preconceito: um relato de experiência do Curso em Regência Coral do PRONATEC/EMUFRN. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p.62-73.

MATIAS, Thaise Cristina Marcelino; SOUZA, Daniela Monteiro de. Surdos e Ouvintes: um encontro musical no Instituto Federal do Ceará-IFCE. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 72-73.

MOURA, Educação Musical e deficiência: adaptações de materiais para a inclusão do aluno de violão com Deficiência Visual. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 26-34.

NOVO, José Alessandro Dantas Dias; SOUZA, Vanessa Teodoro de; MENDES, Adriano Caçula. Projeto Musicografia Braille: um relato de experiência vivido no

Instituto Federal da Paraíba-Campus João Pessoa. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 61-68.

QUEIROZ, Jhon Kleiton Santos de. BEZERRA, Edibergon Varela. Os desafios no processo de aprendizagem musical da pessoa com deficiência visual no Projeto Esperança Viva. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 9-16.

QUEIROZ, Jhon Kleiton Santos de. Relato de Experiência com a disciplina de Musicografia Braille. . In: I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 1. 2013, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2013. p. 22-24.

RIBEIRO, Ricardo Soares. Agora eu aprendo, componho e ouço: o uso do Musibaille numa turma de alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p. 8-10.

_____. O ensino e aprendizagem da música para deficientes visuais na escola especial de música Juarez Johnson. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p. 15-17.

ROCHA, Jaime Gomes da. Musicografia Braille: um relato de experiência na EMUFRN. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p. 18-20.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega; SOUZA, Aluska Danyelle Souto de; ALBUQUERQUE, Patrícia Belisário Souza. Do Instituto dos Cegos ao ingresso no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande: um estudo de caso. In: VI Encontro sobre Música e Inclusão, 6. 2018, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2018. p. 17-25.

SANTOS, Chandra Thais Mendes dos. Música e Inclusão: o ensino da Musicografia Braille para alunos com deficiência visual. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p.40-49.

SANTOS, Micael Carvalho dos; OLIVEIRA, Isabela Diniz. Iniciação à docência e Educação Musical Inclusiva: um relato de experiência. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p.18-27.

SILVA, Antonia Ladylane Duarte da; SANTOS, Andrey Azevedo dos; ROCHA, Igor Wanderley de Oliveira. Uso das novas tecnologias no Ensino de música para deficientes visuais na Educação Básica. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p. 24-26.

SILVA, Carlos Antônio Freitas da. A música como ferramenta de inclusão na Educação Infantil. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p. 28-39.

SILVA, Francisca Janaina Carneiro da. A chegada do aluno deficiente na escola: proposta de intervenção socioescolar. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.7-13.

SILVA, Jonatas Souza e. Música e Inclusão: ações pedagógicas para o trabalho com um aluno cego no ensino superior. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p.62-70.

_____. O Núcleo de Musicografia Braille da Universidade Federal do Ceará: acessibilidade no espaço acadêmico. . In: I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 1. 2013, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2013. p.19-21.

SILVA, Raiane Silmara Nascimento da. Sinergia em música: um estudo sobre a interação professor-professor no Projeto de Extensão Som Azul da EMUFRN. In: V Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e III Seminário de Música e Inclusão, 5. 2017, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2017. p.49-54.

SOUZA, Ana Maria de Castro. A inclusão de deficientes na formação de educadores musicais: práticas em regência coral no ensino superior. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p. 7-18.

SOUZA, Andressa da Costa; ALMEIDA, Pamela Cristina de; MOLINARI, Paula Maria Aristides de Oliveira. Processo de aprendizagem em Educação Especial: estágio obrigatório e PIBID. In: III Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e I Seminário de Música e Inclusão, 3. 2015, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2015. p.74-85.

TRINDADE, Brasilena Gottschall Pinto. O Componente Curricular Musicografia Braille no processo de ensino e de extensão nos cursos de Licenciatura em música de duas Instituições do Ensino Superior. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p. 11-12.

_____. O Componente Curricular “Sistema e Musicografia Braille” na Fasesa. In: I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 1. 2013, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2013. p.7-9.

TRINDADE, Brasilena Gottschall Pinto; KONOPLEVA, Ekaterina. O ensino de piano no contexto da educação musical de educandos com Deficiência Visual. In: II Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 2. 2014, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2014. p. 13-14.

VARELA, Igor Rafael Alves. Extensão Universitária: capacitação de licenciandos do curso de música da UFRN para atuação na educação especial. . In: I Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual, 1. 2013, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2013. p. 13- 15.

VIEIRA, Edna Aparecida Costa. A influência da música na aprendizagem da leitura de uma criança com Síndrome Silver-Russel: um relato de caso. In: IV Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e II Seminário de Música e Inclusão, 4. 2016, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2016. p. 22-43.

ZANETTI, Evandra Bezerra de Medeiros. Alfabetização musical de jovens e adultos cegos-Projeto Esperança Viva.. In: V Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e III Seminário de Música e Inclusão, 5. 2017, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2017. p.7-12.

ZUZA, Jailton Barbosa; FERNANDES, Luzia Mirnia Vieira. A visão musical numa perspectiva inclusiva: um relato de experiência. In: V Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual e III Seminário de Música e Inclusão, 5. 2017, Natal/RN. **Anais**. Natal/RN, 2017. p.38-48.